



RETRATOS DA PANDEMIA

Perspectivas das Mulheres Quilombolas



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

© Comissão Pró-Índio de São Paulo
São Paulo, novembro de 2021

ORGANIZAÇÃO

Carolina Bellinger
Lúcia M. M. de Andrade

ILUSTRAÇÕES

Mandy Barros

Ilustrações elaboradas a partir de fotos
de Carlos Penteadou nas páginas 4-5, 8-9,
15, 23, 24 e 31

PROJETO GRÁFICO

Irmãs de Criação

APOIO À PUBLICAÇÃO



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

Rua Padre de Carvalho 175 • São Paulo • SP • Brasil • 05427-100
cpisp@cpisp.org.br • www.cpisp.org.br

As opiniões expressas nessa publicação são de responsabilidade
da Comissão Pró-Índio de São Paulo e não podem ser tomadas
como expressão das posições dos financiadores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Retratos da pandemia : perspectivas das mulheres
quilombolas / organização Carolina Bellinger, Lucia
M. M. Andrade. -- 1. ed. -- São Paulo : Comissão Pró
Índio de São Paulo, 2021.

Bibliografia
ISBN 978-65-992968-5-7

1. Amazônia - Brasil 2. COVID-19 - Pandemia
3. Comunidades quilombolas 4. Mulheres - Amazônia
- Usos e costumes 5. Quilombolas - Brasil I. Bellinger,
Carolina. II. Andrade, Lucia M. M.

21-89936

CDD-305.896081

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunidades quilombolas : Mulheres : Amazônia :
Pandemia : Sociologia 305.896081

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

RETRATOS DA PANDEMIA

Perspectivas das Mulheres Quilombolas



***In memoriam* dos mais de 600 mil
brasileiras e brasileiros mortos
pela Covid-19.**

**Em especial, homenageamos
mulheres e homens quilombolas
vítimados pela pandemia.**



ÍNDICE

09

Apresentação

Lúcia M. M. de Andrade

11

*Os nossos passos
vêm de longe: lutas
quilombolas em tempos
de Covid-19*

Andreia Nazareno dos Santos

17

*Com a pandemia tivemos
que nos reinventar*

Érica Monteiro

21

*Nós por nós:
A luta da ARQMO
para a proteção das
comunidades quilombolas
em Oriximiná*

Claudinete Cole de Souza

25

*A Covid-19 nos Territórios
Quilombolas em Oriximiná
e Óbidos*

Bianca Pyl

Luiza Barros

Comissão Pró-Índio de São Paulo

33

*As vozes das mulheres
quilombolas em Óbidos
e Oriximiná*

Ânisse Garcia dos Santos

Auriele Viana Salgado

Catarina Soares Franco

Dayana Silva

Dorlene de Oliveira Santos

Edivane Franco da Silva

Elaine Salgado

Elanize dos Santos Pinheiro

Gabriela da Silva Paiva

Glaucineide Souza Franco

Glenda Soares Franco

Joana Printes

Joane Andrade dos Santos

Larisse Lopes Xavier

Lucicleide Lopes

Maielza dos Santos Souza

Maria Rosa Garcia

Marta Angélica Salgado

Michele Salgado Oliveira

Mira Santos de Souza

Neidiane de Sousa da Silva

Nilza Nira Melo de Souza

Rivanilde Souza Pita

Wanderly de Aquino Andrade



APRESENTAÇÃO

Essa é uma obra coletiva que tivemos grande satisfação em facilitar.

O livro é resultado de trocas entre mulheres a partir de diferentes lugares: as mulheres quilombolas, as mulheres da “Pró-Índio”, a artista que produziu as ilustrações e as designers que conceberam o layout da publicação.

A obra trata de um tema difícil: a pandemia da Covid-19 que ainda não nos deixou. Apresenta o olhar das mulheres quilombolas sobre como é vivenciar esse momento tão desafiador e triste.

Atendendo à necessidade de isolamento social, em março de 2020 a Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP) interrompeu as atividades presenciais nas comunidades. Mas a distância não impediu a estreita cooperação com nossas parceiras e parceiros no Pará no enfrentamento da crise sanitária. Os primeiros materiais informativos orientando sobre as medidas de prevenção começaram a ser divulgados pela CPI-SP já em 20 de março de 2020. A campanha segue desde então, incluindo também o envio de kits de higiene e limpeza, assim como a sistemática distribuição de máscaras. No final de 2020, instalamos dez pontos de internet em comunidades em Óbidos e Oriximiná que possibilitaram o fortalecimento das atividades de articulação e mobilização.

Apesar da intensa cooperação, sentíamos falta de uma escuta específica da voz das mulheres. Sabemos que a pandemia não atingiu a população de forma igual. As desigualdades sociais, econômicas, de gênero, raça e etnia, estruturais em nossa sociedade, também se fizeram sentir nesse momento tão crítico. Foram as populações historicamente marginalizadas as que mais sofreram. E intuíamos que, também no interior das comunidades quilombolas, as desigualdades de gênero deveriam marcar diferenças sobre como mulheres e homens quilombolas experimentavam a pandemia.

Assim, este livro nasceu do desejo da CPI-SP em conhecer como as mulheres das comunidades quilombolas nos municípios onde atuamos estavam percebendo a pandemia, se existiam demandas específicas e como poderíamos apoiá-las nessa crise sem precedentes.

O processo de escuta, por meio de entrevistas virtuais, teve início em novembro de 2020. A partir dos primeiros depoimentos, a CPI-SP avaliou pela oportunidade de um livro para registrar as perspectivas femininas da pandemia nos quilombos em Óbidos e Oriximiná. As entrevistas se seguiram ao longo de 2021, ou seja, ocorreram em diferentes momentos da pandemia.

Foram ouvidas 24 mulheres quilombolas de diferentes gerações e comunidades nos dois municípios. Muitas vezes, as conversas demoraram dias — alguns casos meses — para serem retomadas, em razão das dificuldades de acesso à internet. E, em muitos casos, só era possível a conexão quando a entrevistada se deslocava até a sede do município para alguma providência cotidiana.

O livro traz também artigos de três mulheres quilombolas que nos contam como o movimento quilombola se organizou para fazer frente à pandemia. São lideranças da Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, da Malungu — Coordenação Estadual das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará e da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná que refletem sobre os desafios enfrentados por suas organizações.

Lúcia M. M. de Andrade
Coordenadora Executiva
Comissão Pró-Índio de São Paulo



OS NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE: LUTAS QUILOMBOLAS EM TEMPOS DE COVID-19



Andreia Nazareno dos Santos

Formada em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Cursando Especialização em Gestão Territorial e Economia Solidária
Coordenadora da Conaq no Rio Grande do Norte
Terra Quilombola Sítios Grossos

Sou mulher, negra, quilombola e mãe de quatro filhos. Desde o início da pandemia nosso povo tem enfrentado muitas dificuldades. No começo, pelo fato de vivermos longe das grandes cidades, pensávamos que ela não iria nos afetar. Porém, ao longo do processo, percebemos que estávamos enganados em relação à Covid-19.

Foi pensando no perigo do contágio que a Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) iniciou um processo de conscientização junto ao nosso povo para que as pessoas se cuidassem quando saíssem de casa. E isso em um contexto muito difícil, de total falta de apoio por parte dos governos municipais, estaduais e federal. Não tínhamos acesso a álcool em gel e máscaras. Diante disso, a Conaq começou a dialogar com as secretarias municipais e estaduais de saúde para que fossem realizadas algumas ações voltadas para as comunidades quilombolas.

Mesmo com o processo de conscientização, perdemos muita gente. Considerando todas as comunidades quilombolas do país, em 7 de outubro 2021, havíamos sofrido com 301 óbitos e 5.654 casos confirmados¹.

Um dos principais problemas é que muitas pessoas da comunidade saem de suas casas para trabalhar na cidade e, ao retornarem das atividades, acabam tendo contato com as crianças e os idosos. A maioria das famílias comercializa seus produtos na cidade, então, sempre há o problema dos deslocamentos e contatos com outras pessoas. Além disso, somos um povo que não está acostumado a ficar dentro de casa; o processo de isolamento é complicado.

A renda das famílias quilombolas foi impactada pelas dificuldades de comercializar os produtos da terra. Um dos dramas com a pandemia é que as feiras foram todas fechadas. Então, a produção de 2020 foi praticamente perdida, afinal, como escoar o que foi produzido? Aqui no Rio Grande do Norte a situação só melhorou quando o governo estadual fez uma aquisição e comprou os alimentos produzidos pelos agricultores quilombolas, mas isso com um certo atraso, apenas no final de 2020.

Portanto, as dificuldades foram variadas: desde a falta de máscaras e álcool em gel, passando pelo fato de que muitas comunidades não têm água potável, até os valores irrisórios do auxílio emergencial (R\$150/mês) que impedem que uma família alimente os seus filhos, o que traz o fantasma da fome. Soma-se a isso o fato de que as comunidades quilombolas já eram muito vulneráveis antes da pandemia. As pessoas vivem da aposentadoria, de auxílios como o Bolsa Família, da agricultura familiar.

Em tempos de pandemia, nossas lutas ocorreram em diversas frentes, tendo sido a mais relevante a imunização de nosso povo. Logo no começo, nós estávamos na linha de prioridade para receber a vacina — nós e os indígenas. Contudo, da noite para o dia, nos retiraram dos grupos prioritários. Foi por conta disso que a Conaq decidiu mover uma ação (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) com o objetivo de cobrar o governo federal para implementar um plano nacional de enfrentamento da pandemia voltado para proteção das comunidades

quilombolas. Entre as demandas, estava a inclusão dos quilombolas no grupo prioritário na vacinação.

Em fevereiro de 2021, a Corte julgou a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 742/2020), estabelecendo que o governo federal deveria apresentar um plano de enfrentamento à Covid-19 nos quilombos, além de assegurar a prioridade de vacinação do nosso povo. Como cada luta vencida se desdobra em outras, após ganharmos essa ação, começou todo um processo de contabilizar quem estava dentro e quem estava fora dos territórios quilombolas. Por mais que a vacinação estivesse garantida através da ADPF, em alguns municípios as famílias tiveram que provar que eram quilombolas, ou seja, nem o próprio município as reconhecia. Ficamos perplexas com essa situação. A comunidade está ali há tempos e o município não sabe que você é quilombola?

Felizmente, através de nossas ações, os municípios acabaram liberando as vacinas para toda nossa gente. Em setembro de 2021, já havia comunidades que tinham conseguido vacinar todas as pessoas; outras ainda estavam no processo de vacinação, aguardando apenas a segunda dose. Com a imunização, já estamos começando a trabalhar, mas isso com todos os cuidados, usando álcool em gel, máscara e continuando com o isolamento em nossas comunidades.

O fato é que somos esquecidos pelos governos municipais, estaduais e federal, então, é só por meio de nossas batalhas e de nossas ações que alcançamos os nossos objetivos.

É importante dizer que, além do pedido de vacinação prioritária, a ADPF também prevê, entre outros pontos, a inclusão do quesito raça/cor/etnia nos registros sobre Covid-19 e a divulgação de números referentes a novos casos. Essa já era uma obrigação imposta por lei, mas que não era cumprida pelo governo. Foi por conta dessa ausência que, desde abril de 2020, decidimos fazer o nosso próprio monitoramento, disponível na plataforma “Quilombo sem Covid-19”, criada em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA)².

Foi um processo muito doloroso para o nosso povo. No início, era recorrente a notícia de que havia falecido um irmão na comunidade tal; houve dias em que perdemos dois ou três companheiros. Firmamos essa parceria com o Instituto Socioambiental (ISA) exatamente para monitorar o número de óbitos, de contaminados e de pessoas que foram curadas. Esse levantamento, realizado junto com as lideranças das comunidades e com os coordenadores dos estados, é semanal, todas as quartas-feiras nós temos uma reunião para contabilizar os dados. Se não tivéssemos tido essa iniciativa, não saberíamos nada sobre óbitos e contaminações do povo quilombola, uma vez que o Governo Federal não fez a sua parte. É um governo que não nos apoia, não nos representa, na verdade, ele gostaria que nosso povo não existisse.

Seja por conta da ação junto ao Supremo Tribunal Federal, que garantiu a nossa vacinação, seja devido às nossas próprias campanhas de conscientização com nosso povo, ou mesmo graças à iniciativa de realizar o monitoramento

da Covid-19, o fato é que tudo é fruto da Conaq, tudo é fruto de nossas lutas. Nossas forças vêm de nossos ancestrais, nossos passos vêm de longe, jamais desistiremos!

A Conaq surgiu a partir da organização das comunidades quilombolas. Criada no dia 12 de maio de 1996, em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, com o objetivo de lutar pela garantia de uso coletivo do território, pela implantação de projetos de desenvolvimento sustentável, pela implementação de políticas públicas levando em consideração a organização das comunidades de quilombo; por educação de qualidade e coerente com o modo de viver nos quilombos; o protagonismo e autonomia das mulheres quilombolas; pela permanência do (a) jovem no quilombo e acima de tudo pelo uso comum do território, dos recursos naturais e pela em harmonia com o meio ambiente.

.....
1 Disponível em: <<https://quilbosemccovid19.org/>>
Acessado em: 7 out 2021.

2 Para obter mais informações sobre a plataforma, acesse:
<<https://quilbosemccovid19.org/>>.





COM A PANDEMIA TIVEMOS QUE NOS REINVENTAR



Erica Monteiro

Coordenadora

Malungu - Coordenação Estadual das Associações
das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará
Terra Quilombola Itancuã Miri

Com a pandemia tivemos que nos reinventar, foi tudo muito novo e difícil. Quando a Malungu foi criada, em 2004, ela tinha o objetivo principal de lutar pela titulação coletiva e fazer o acompanhamento dos processos das áreas quilombolas. Mas as outras políticas são de muita necessidade e sempre fizemos um embate para que políticas de educação, saneamento básico, saúde e habitação chegassem até as comunidades.

Em março de 2020, estávamos em um evento e tivemos que parar no meio por conta da pandemia. A maioria dos coordenadores da Malungu tem idade avançada, então saímos correndo para casa para nos isolarmos. Isso foi em 18 de março de 2020.

Quando foi no dia 21 de março de 2020, decidimos que era necessário a Malungu voltar a atuar mesmo com a pandemia, porque as comunidades precisavam muito do nosso apoio. Todos da equipe contraíram a doença, muita gente ficou mal, mas conseguimos avançar mesmo assim. Institucionalmente, mesmo na pandemia, percebemos que a Malungu se fortaleceu.

As comunidades quilombolas no estado do Pará foram duramente atingidas. O “Boletim da Covid-19 nos quilombos do Pará.” de 23 de agosto de 2021 indicava 2.624 casos confirmados e 97 mortes¹. O primeiro óbito quilombola foi na minha comunidade, Itancuã Miri.

A Malungu, em parceria com o Núcleo Sacaca da Universidade Federal do Oeste do Pará, realiza o monitoramento da pandemia entre os quilombolas do Pará a partir de informações fornecidas pelas próprias comunidades, divulgando periodicamente o “Boletim da Covid-19 nos quilombos do Pará” em seu site.

A Malungu se preocupou muito por conta das fragilidades de nossas comunidades. Nos reunimos e montamos um coletivo de pessoas voluntárias nas comunidades, voltamos a atuar no escritório e criamos um grupo de trabalho. A Malungu realiza até hoje uma campanha de doação de cestas básicas, kit de higiene e remédios. Em parceria com alguns órgãos do governo e ONGs, levamos as ações.

Quando começaram a aumentar as mortes, conseguimos muitas parcerias para a compra de alimentos. Chegamos em muitas comunidades quilombolas, mas não conseguimos chegar nas 528 comunidades que existem em nosso estado.

As comunidades ainda estão passando muita necessidade, a situação é muito precária. Conseguimos uma parceria com a Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará (Sespa) e estamos viabilizando atendimentos de saúde e de emissão de documentos. A gente observou uma necessidade por conta da falta de documentos para se cadastrar nos programas.

As dificuldades começaram na inscrição para o auxílio emergencial concedido pelo governo federal. Numa família quilombola, às vezes apenas uma pessoa tem celular, e só podia cadastrar uma pessoa por celular. A gente cedeu todos os números de celular possíveis para tentar cadastrar as comunidades. Conseguimos cadastrar um número bastante significativo de pessoas.

Por outro lado, as grandes obras e os empreendimentos não pararam. Foram muitas questões, foram momentos muito difíceis, mas conseguimos

acompanhar algumas comunidades. Nossa dificuldade sempre foi a comunicação, e na pandemia piorou. E, em 2020, mesmo com a pandemia, conseguimos que duas terras quilombolas no Pará fossem tituladas pelo Instituto de Terras do Pará: Tatituquara, São Sebastião, Arajá e Boa Esperança (no município de Bagre) e Nossa Senhora de Fátima do Crauateua (no Município de São Miguel Guamá).

Acompanhar Oriximiná e Óbidos, na região do Baixo Amazonas, é difícil porque nossa sede é em Belém, e é muito longe. As questões passaram a ser tratadas apenas virtualmente, e ficou mais difícil ainda, já que o acesso à internet e à telefonia é precário. Mas conseguimos fazer algumas ações na região, em Alenquer, Santarém e Óbidos.

Em relação à vacina, foi uma conquista. Foi uma luta da Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) e lideranças quilombolas de todo o Brasil. Muitos prefeitos diziam que tinham feito de tudo para levar as vacinas, mas não foi a realidade. A luta foi muito árdua, a Conaq entrou com a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 742) no Supremo Tribunal Federal e foi apenas com essa decisão que os quilombolas foram incluídos nos grupos prioritários da vacinação.

Mas depois as dificuldades foram a falta de doses e a falta de informações sobre a quantidade de pessoas a serem vacinadas, ninguém tinha essa informação. Em 2020, aconteceria o Censo, mas não aconteceu. O levantamento da população quilombola, que seria feito pela primeira vez, não foi feito. Foi toda uma luta junto com as coordenações regionais da Malungu para tentar chegar ao mais próximo possível do número de pessoas. A Malungu teve que fazer esse levantamento populacional.

Porém, quando as vacinas chegavam nos municípios, muitas prefeituras não reconheciam algumas comunidades como quilombolas. Associações com anos de existência não eram reconhecidas por alguns prefeitos. Fizemos uma briga muito grande para levar as vacinas. Até hoje (agosto de 2021), temos comunidades que não receberam as vacinas. A minha comunidade já recebeu, a grande maioria já recebeu primeira e segunda dose, mas muitas ainda não. Então, continuamos na luta.

A Malungu já trabalha o direito das mulheres, do empoderamento, das relações de gênero há alguns anos. Em 2020, teríamos o encontro de mulheres em Oriximiná, mas ele não aconteceu por causa da pandemia. Para dar continuidade ao trabalho, organizamos encontros virtuais: “Rodas de Conversa Cá Entre Nós Mulheres”. Ao todo, foram cinco encontros promovidos em 2021 em parceria com a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese)² com mulheres das diversas regionais da Malungu.

Nós mulheres precisamos nos fortalecer. As questões estão cada vez mais difíceis para a gente, para as mães, chefes de família. A gente precisa se unir e se fortalecer para enfrentar a pandemia e outros desafios.

.....

1 Disponível em: <<https://malungupara.wordpress.com/2021/07/27/novo-boletim-da-covid-19-nos-quilombos-do-para-2/>>. Acesso em: 27 out 2021.

2 Disponível em: <<https://www.cese.org.br/cese-e-malungu-promovem-rodas-de-conversa-sobre-genero-e-raca-para-aproximacao-de-mais-mulheres-quilombolas-as-tematicas/>>. Acesso em: 27 out. 2021.



NÓS POR NÓS: A LUTA DA ARQMO PARA A PROTEÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM ORIXIMINÁ



Claudinete Cole de Souza

Coordenadora administrativa
Associação das Comunidades Remanescentes de
Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO)
Terra Quilombola Boa Vista

Desde o início da pandemia da Covid-19, a maior preocupação da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO) foi conseguir com que as pessoas pudessem ficar em suas comunidades, sem precisar se deslocar para a cidade de Oriximiná, e com isso minimizar os riscos de contágio pelo vírus. Para isso, articulamos parceiros dentro do governo municipal, estadual, organizações não governamentais e empresas, de forma a garantir o acesso das comunidades a cestas básicas, máscaras, álcool em gel, testes, atendimento médico e, finalmente, acesso à vacinação.

Uma das dificuldades iniciais foi transformar as recomendações dos órgãos competentes em uma linguagem que fosse acessível para os quilombolas e também para ribeirinhos e indígenas. Nós fizemos circular as informações corretas por WhatsApp, temos um grupo que se chama “Pela Vida no Trombetas”. Informação correta é fundamental em um momento como esse. Foram feitas barreiras fluviais sanitárias nas comunidades mais distantes da cidade e que têm maior dificuldade para acessar cuidados médicos.

A ARQMO representa 37 comunidades quilombolas de Oriximiná, distribuídas em oito territórios. Na região onde a ARQMO atua vivem cerca de 9 mil quilombolas. A Covid-19 levou oito quilombolas em nosso município até setembro de 2020.

Na fase de vacinação, a nossa associação, em parceria com a Coordenação de Epidemiologia do município, ajudou a organizar a distribuição das doses de vacinas para as comunidades. Por conta dessa parceria, conseguimos também que os agentes de saúde levassem outras vacinas que são importantes para aplicar nas crianças e adultos, garantindo proteção contra outras doenças também.

Tudo isso só foi possível devido à união e à atuação do movimento negro, do movimento quilombola, das associações das comunidades que correram atrás para garantir a proteção das comunidades quilombolas nas diferentes regiões do Brasil.





A COVID-19 NOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS EM ORIXIMINÁ E ÓBIDOS

Bianca Pyl

Luiza Barros

Comissão Pró-Índio de São Paulo

Quando os primeiros casos de Covid-19 foram confirmados em Oriximiná e Óbidos, em abril de 2020, o impacto que a doença traria aos quilombolas era incerto. Contudo, a precariedade do sistema de atendimento de saúde já motivava grande preocupação.

A região Norte possui, segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz em parceria com o IBGE¹, os menores índices de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e de distribuição de médicos e enfermeiros por habitantes do país. No Baixo Amazonas (Pará), onde estão localizadas as comunidades retratadas nessa publicação, a situação não é diferente.

No início da pandemia, a rede hospitalar pública em Oriximiná dispunha de um único respirador e nenhuma UTI para atender os seus 74.921 habitantes². Já em Óbidos, não havia nenhum leito de UTI ou respirador para os seus 52.473 habitantes³. Em caso de complicação da doença, os quilombolas, portanto, teriam que se deslocar até Santarém para obter atendimento, cuja estrutura hospitalar atende a uma quantidade expressiva de habitantes de toda a região.

As grandes extensões, a precariedade do transporte público e de comunicação representam um desafio extra no combate ao novo coronavírus nas 14 Terras Quilombolas localizadas nos dois municípios onde vivem cerca de 2.689 famílias. Segundo o IBGE, Oriximiná é o quarto maior município do Brasil, com uma extensão maior que Portugal, e Óbidos ocupa o 32º lugar em área territorial, o que corresponde a uma área quase cinco vezes maior que o Distrito Federal.

Sem dúvida, a mobilização das organizações quilombolas e seus parceiros foi importante para que o impacto da pandemia não fosse maior nos dois municípios.

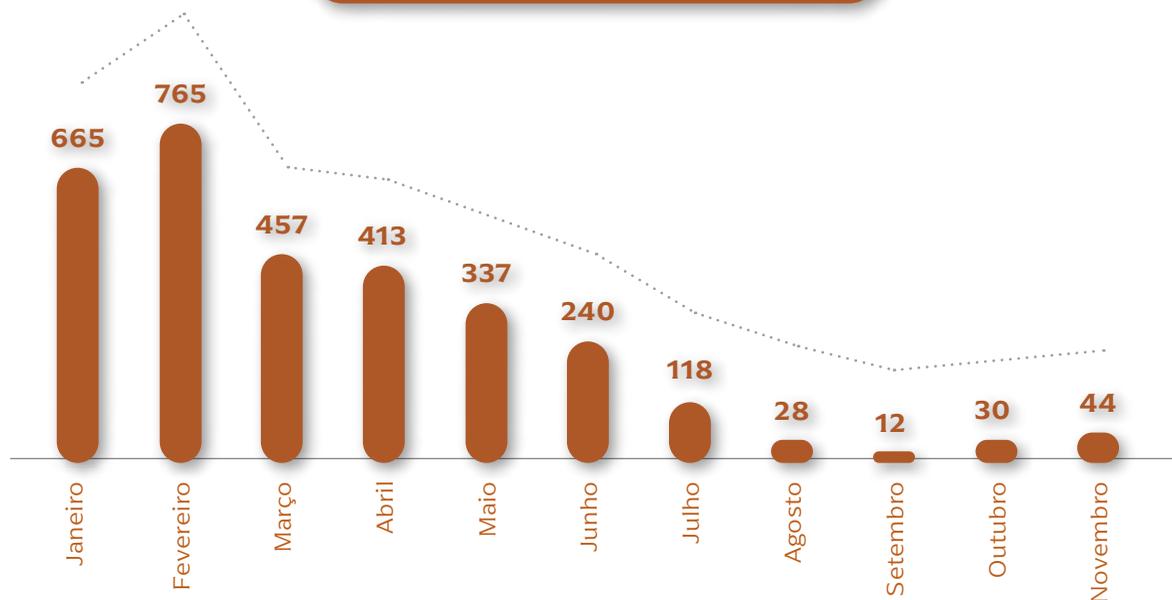
Casos nos Municípios

Em 9 de novembro de 2021, Oriximiná registrava 9.212 casos confirmados e 175 óbitos⁴, e em Óbidos 6.735 casos e 135 óbitos⁵. Em ambos os municípios, 60% das mortes por Covid-19 ocorreram em 2021.

O registro de casos, no entanto, não acompanha essa proporção: o ano de 2021 (até o dia 9/11) comportou apenas 33% dos casos registrados em Oriximiná, e 49% em Óbidos. Sugere-se a hipótese de que a taxa de letalidade em 2021 foi maior em ambos os municípios. A análise do impacto da doença, no entanto, fica prejudicada pela falta de testagem em massa na região como ocorre em todo o Brasil.

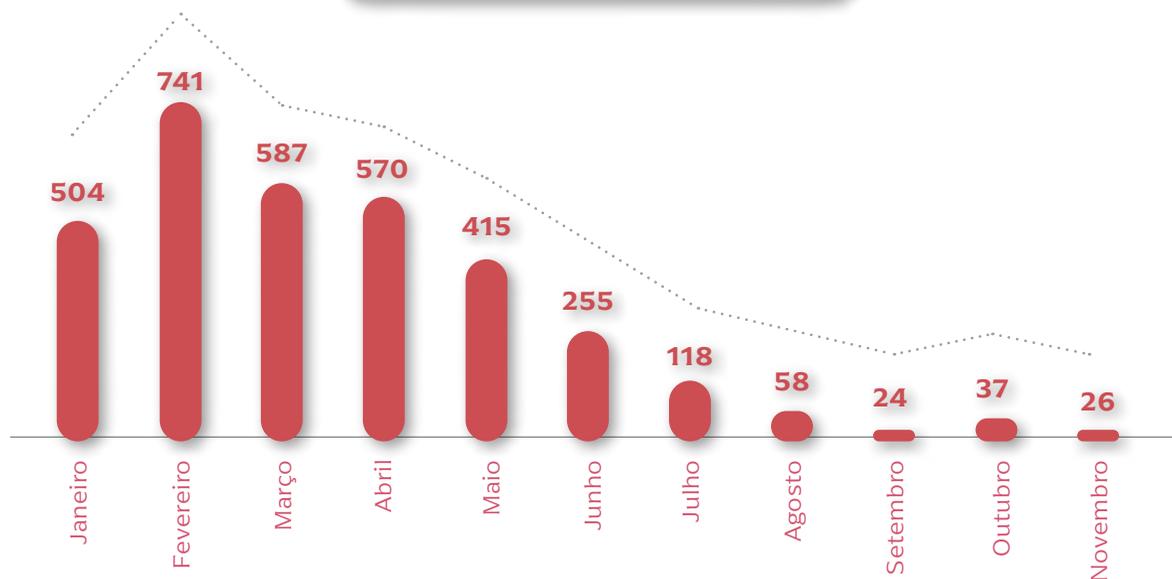
Desde maio de 2021, segundo dados das prefeituras, o número de casos vinha diminuindo nos dois municípios. Em outubro, a tendência de queda foi revertida. E entre os dias 1 e 9 de novembro, os casos confirmados em Oriximiná (44) já superam os registros mensais dos últimos três meses. No mesmo período, Óbidos também apresentou tendência de aumento, com a confirmação de 26 casos.

Oriximiná - Casos Covid-19 (01/01 a 09/11/21)



Fonte: Prefeitura de Oriximiná⁶

Óbidos - Casos Covid-19 (01/01 a 09/11/21)



Fonte: Prefeitura de Óbidos⁷

Ambos os municípios não registraram mortes pela doença entre agosto e outubro de 2021. A diminuição de óbitos pode ser explicada pelo avanço da vacinação, embora o número de pessoas vacinadas nos dois municípios estivesse muito abaixo da porcentagem de imunidade de grupo (80%) indicada por especialistas para conter o avanço da doença. Segundo dados divulgados pelas prefeituras, em 9 de novembro de 2021, 26.797 pessoas haviam sido imunizadas com as duas doses da vacina em Oriximiná⁸, o que equivale a apenas 35,7% da população⁹. Já a Prefeitura de Óbidos¹⁰ indicava, em 5 de novembro de 2021, 24.603 pessoas com o esquema vacinal completo, o que representava 47% da população.

Casos nos Quilombos

Os números de casos e mortes por Covid-19 entre as comunidades quilombolas em Óbidos e Oriximiná não são disponibilizados publicamente, seja pelas prefeituras, pelo governo estadual ou pelo governo federal. Isso indica que, possivelmente, não existe um controle específico e sistemático para avaliar a evolução da pandemia junto a essa população.

Dados levantados pela CPI-SP junto à Secretaria Municipal de Saúde de Oriximiná indicavam cerca de 800 casos e cinco óbitos entre os quilombolas daquele município até 18 de agosto de 2021¹¹. No entanto, a Secretaria de Saúde alertou que enfrentava dificuldades em compilar os dados disponíveis nos sistemas e que o número de casos e óbitos entre os quilombolas poderia ser maior. Assim, a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO) apontava oito mortes para o mesmo período.

Já em Óbidos, até 9 de agosto de 2021, registravam-se 343 casos confirmados em comunidades quilombolas e sete óbitos, segundo informações obtidas junto à Secretaria Municipal de Saúde. Os territórios quilombolas de Arapucu e Cabeceiras foram os mais afetados, com 87 e 225 casos, respectivamente. Os sete óbitos ocorreram nas comunidades Apuí (dois), Castanhanduba (um), Ponte Grande (um) e São José (três), todas na TQ Cabeceiras.

Vacinação nas comunidades quilombolas

A prioridade da vacinação para as comunidades quilombolas só foi garantida após a ação da Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) no Supremo Tribunal Federal¹². No Pará, a vacinação nos quilombos teve início em 31 de março, e somente em 24 de abril chegaram à Oriximiná e Óbidos as doses destinadas às comunidades quilombolas, de acordo com informações do governo estadual¹³.

Segundo os dados da Secretaria de Estado de Saúde do Pará (Sespa), até 9 de novembro de 2021, 3.797 quilombolas haviam sido vacinados com uma dose em Oriximiná. Porém, apenas 1.386 com as duas doses. Em Óbidos, a Sespa informa que 2.487 quilombolas já haviam recebido a primeira dose e 2.055 já estavam com o esquema vacinal completo.¹⁴

Casos confirmados nas Terras Quilombolas em Óbidos

TERRA QUILOMBOLA	COMUNIDADE	2020	2021 (ATÉ AGOSTO)	TOTAL	TOTAL POR TQ
Arapucu	Arapucu	34	53	87	87
Cabeceiras	Apuí	5	2	7	225
	Castanhanduba	48	6	54	
	Centrinho	1	8	9	
	Cuecé	3	8	11	
	Matá	34	18	52	
	Ponte Grande	3	4	7	
	São José	15	10	25	
	São José do Patauá	0	0	0	
	Serra	0	0	0	
	Silêncio	5	55	60	
	Vila Nova	0	0	0	
Muratubinha, Mondongo e Igarapé-Açu dos Lopes	Igarapé-Açu dos Lopes	0	0	0	16
	Mondongo	2	3	5	
	Muratubinha	4	7	11	
N. Sra. das Graças	Nossa Senhora das Graças	6	5	11	11
Patuá do Umirizal	Patauá do Umirizal	4	0	4	4
Peruana	Peruana	0	0	0	0
TOTAL		164	179	343	343

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de Óbidos.

Vale destacar que, conforme o apurado, em Oriximiná, até o momento (9/11/2021) não existe previsão de campanhas para a vacinação dos jovens e adolescentes quilombolas nas próprias comunidades, como foi feito com a primeira dose para idosos e adultos. A necessidade de deslocamento até as sedes dos municípios, sem dúvida, representa um obstáculo para que jovens quilombolas consigam se vacinar e pode prejudicar o processo de imunização completa nos quilombos.

Os dados aqui apresentados nos proporcionam uma visão parcial dos impactos da Covid-19 nas comunidades quilombolas em Oriximiná e Óbidos, uma vez que, como já comentamos, existe uma grande dificuldade em obter dados confiáveis, específicos e sistematizados sobre os casos confirmados, óbitos e número de vacinados entre os quilombolas.

Os números, de qualquer forma, são um lado da história. Os depoimentos a seguir evidenciam como as mulheres quilombolas em Oriximiná e Óbidos vivenciaram esse momento trágico, lidando com a falta de orientação do poder público, o medo e as mudanças na vida comunitária.

-
- 1 Agência de Notícias do IBGE. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27614-ibge-divulga-distribuicao-de-utis-respiradores-medicos-e-enfermeiros>>. Acesso em: 18 out 2021.
 - 2 IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/oriximina/panorama>>. Acesso em: 18 out 2021.
 - 3 IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/obidos/panorama>>. Acesso em: 18 out 2021.
 - 4 Prefeitura de Oriximiná. Disponível em: <<https://www.oriximina.pa.gov.br/boletim.php>>. Acesso em: 10 nov 2021.
 - 5 Secretaria de Saúde de Óbidos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PrefeituraMunicipaldeObidos/photos/a.229018650766546/1570724976595900/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.
 - 6 Prefeitura de Oriximiná. Disponível em: <https://www.oriximina.pa.gov.br/boletim.php>. Acesso em: 10 nov. 2021.
 - 7 Secretaria Municipal de Saúde de Óbidos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PrefeituraMunicipaldeObidos>>. Acesso em: 10 nov. 2021.
 - 8 Secretaria de Saúde de Oriximiná. Disponível em: <<https://www.facebook.com/smsoriximina/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.
 - 9 Cálculo realizado a partir da estimativa populacional do IBGE para 2020.
 - 10 Secretaria de Saúde de Óbidos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PrefeituraMunicipaldeObidos>>. Acesso em: 10 nov. 2021.
 - 11 Os dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde de Oriximiná contemplam tanto os casos registrados pelas Unidades Básicas de Saúde quanto aqueles contabilizados pela Mineração Rio do Norte que mantém um hospital no distrito de Porto Trombetas, pertencente ao município de Oriximiná.
 - 12 Terra de Direitos. Disponível em: <<https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/quilombolas-pedem-urgencia-na-vacinacao-e-no-combate-a-pandemia-de-covid19/23521>>. Acesso em: 27 out 2021.
 - 13 Agência Pará. Disponível em: <<https://agenciapara.com.br/noticia/27787/>>. Acesso em: 27 out 2021.
 - 14 Vacinômetro Secretaria de Estado da Saúde do Pará. Disponível em: <<http://www.saude.pa.gov.br/vacinometro/>>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.





AS VOZES DAS MULHERES QUILOMBOLAS EM ÓBIDOS E ORIXIMINÁ

Depoimentos

Ânisse Garcia dos Santos, 24 anos • Quilombo Tapagem, Oriximiná

Auriele Viana Salgado, 27 anos • Quilombo Jauari, Oriximiná

Catarina Soares Franco, 34 anos • Quilombo Arapucu, Óbidos

Dayana Silva, 35 anos • Último Quilombo, Oriximiná

Dorlene de Oliveira Santos, 37 anos • Quilombo Silêncio, Óbidos

Edivane Franco da Silva, 35 anos • Quilombo Arapucu, Óbidos

Elaine Salgado, 52 anos • Quilombo Boa Vista Cuminã, Oriximiná

Elanize dos Santos Pinheiro, 25 anos • Quilombo Tapagem, Oriximiná

Gabriela da Silva Paiva, 19 anos • Quilombo Muratubinha, Óbidos

Glaucineide Souza Franco, 31 anos • Quilombo Arapucu, Óbidos

Glenda Soares Franco, 26 anos • Quilombo Arapucu, Óbidos

Joana Printes, 44 anos • Quilombo Abuí (Oriximiná)

Joane Andrade dos Santos, 43 anos • Quilombo Boa Vista, Oriximiná

Larisse Lopes Xavier, 21 anos • Quilombo Boa Vista, Oriximiná

Lucicleide Lopes, 38 anos • Quilombo Boa Vista, Oriximiná

Maielza dos Santos Souza, 34 anos • Quilombo Pancada, Oriximiná

Maria Rosa Garcia, 65 anos • Quilombo Tapagem, Oriximiná

Marta Angélica Salgado, 42 anos • Quilombo Pancada, Oriximiná

Michele Salgado Oliveira, 32 anos • Quilombo Boa Vista do Cuminã, Oriximiná

Mira Santos de Souza, 49 anos • Quilombo Boa Vista, Oriximiná

Neidiane de Sousa da Silva, 29 anos • Quilombo Peruana, Óbidos

Nilza Nira Melo de Souza, 53 anos • Quilombo Jauari, Oriximiná

Rivanilde Souza Pita, 45 anos • Quilombo Tapagem, Oriximiná

Wanderly De Aquino Andrade, 52 anos • Quilombo Muratubinha, Óbidos

Entrevistadas por **Bianca Pyl**

A chegada do vírus



A primeira notícia dessa doença que vimos foi na televisão, uma pessoa da China tinha pegado a doença e falecido. A notícia falava também que esse vírus era muito difícil de chegar até nós porque ele gostava mais de frio. Mas no decorrer ele foi andando, e, de repente, quando a gente soube que já tinha a doença em Oriximiná, a gente ficou muito agoniada.”

Nilza Nira Melo de Souza, Quilombo Jauari (Oriximiná).



“ No início a gente achou que não chegaria para cá porque a gente está tão distante. Então, quando chegou aqui no Pará foi um susto! Aí, tivemos três casos no Trombetas, em março de 2020. Assustou muito a gente porque jamais imaginávamos que ia chegar para cá tão rápido.”

Joane Andrade dos Santos, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).



Quando a gente soube que a doença já estava no Brasil, no mês de março, foi uma preocupação muito grande para a gente que estava no quilombo. Era uma doença nova e ninguém sabia como era, então foi muito assustador. A primeira medida que tomamos foi de ficar em casa, comprar bastante alimento para não ter que ficar saindo, principalmente, com idosos e crianças.”

Dayana Silva, Último Quilombo (Oriximiná).



“ Quando chegou em Belém, Manaus e Santarém, a preocupação já foi muito maior porque a gente pensou logo na questão dos nossos hospitais. Passamos por um momento de desespero. Como vai ser? Como vamos ficar? A saúde aqui na nossa região é muito capenga. Nosso hospital não tem leito de UTI e, na época, não tinha nem respirador. E a cidade mais próxima fica a sete, oito horas da nossa cidade de Óbidos, que é Santarém, onde tem um hospital regional e municipal que tem alguns leitos de UTI.”

Catarina Soares Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).



“ No início da pandemia acompanhamos por Facebook, jornais. Em março de 2020, nós fomos para o interior, para o Quilombo Arapucu. Foi o momento de nos afastar da cidade por conta do medo e da preocupação e imaginamos que lá estaríamos seguros. Quando apareceu o primeiro caso em Óbidos foi assustador.”

Glenda Soares Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).



No primeiro momento que eu soube da pandemia foi um desespero porque eu tive que deixar minha rotina para trás e me isolar com minha família. Eu sou universitária, faço ciências biológicas na Ufopa. O que aconteceu foi que, com a paralisação das aulas, tivemos que migrar para as comunidades quilombolas e lá ficamos um grande período até entendermos a gravidade da situação e aprender a conviver.”

Elanize dos Santos Pinheiro, Quilombo Tapagem (Oriximiná).



“ Quando começou essa pandemia, que era só lá para a China, foi muito preocupante. Então, a partir do momento em que chegou aqui no Brasil, a gente sabia que poderia estar no quilombo.”

Joana Printes, Quilombo Abuí (Oriximiná).

Todo mundo está assustado





No primeiro momento, a minha reação foi de muito medo, foi apavorante. É uma doença que não existe remédio para curá-la. Eu fiquei com muito medo no primeiro momento, agora estou conseguindo superar um pouco. Me pego bastante com Deus e estou superando.”

Neidiane de Sousa da Silva, Quilombo Peruana (Óbidos).





“ Todo mundo está assustado porque estamos vendo muitas pessoas conhecidas morrerem, não dentro da nossa comunidade, mas pessoas próximas.”

Maielza dos Santos Souza, Quilombo Pancada (Oriximiná).



“Aqui na comunidade foi um desespero, aqui é muito perto da mineradora [Mineração Rio do Norte] e as pessoas vão para o trabalho, pegam o ônibus, vão no refeitório. E a gente fica muito preocupada com os idosos. Tem muitos idosos comunitários e quase 90% da comunidade trabalha em Porto Trombetas, a vila da mineradora, e o vírus já estava circulando ali. O pessoal estava tomando os cuidados, mas será que as pessoas estão cumprindo mesmo, será que a gente vai pegar? Então foi um susto.”

Joane Andrade dos Santos, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).



“ Eu e a minha família, quando soubemos da pandemia, ficamos assustados porque a gente viu que é uma doença muito perigosa. Nós fizemos o possível para nos proteger, como era cabível, deixamos de ir à cidade, só podia ir uma pessoa por família.”

Marta Angélica Salgado, Quilombo Pancada (Oriximiná).



Eu passei quatro meses sem ir à cidade porque tinha muito medo. E cada pessoa que chegava, a gente se escondia porque a gente estava com muito medo. É muito assustador. No momento só existe dor, sofrimento, angústia e preocupação. Estamos com o psicológico muito abalado, sentimos os sintomas da doença sem estar, cada vez que assistimos jornal sofremos muito. Às vezes, acho que é o fim do mundo.”

Nilza Nira Melo de Souza, Quilombo Jauari (Oriximiná)

Para nós foi muito triste porque era doença para todo lado. Aqui na nossa família não adoeceu ninguém, graças a Deus, mas os outros parentes adoeceram. Nós não perdemos ninguém, mas a gente sentia aquela tristeza. Eu tenho medo porque a gente tem problemas de saúde e já tem idade.”

Maria Rosa Garcia, Quilombo Tapagem (Oriximiná).

Nesse momento as emoções ficaram muito mexidas, dá uma tensão, a gente passa por momentos de ansiedade, medo, insegurança, tudo ao mesmo tempo.”

Glenda Soares Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).





“ O início da doença para nós foi de medo, sem saber o que fazer. Mas também nossa fé é muito grande, primeiramente em Deus, e com a sabedoria dos nossos antepassados, com remédio caseiro, fomos buscar nossas crenças e raízes para ajudar nesse momento.”

Dayana Silva, Último Quilombo (Oriximiná).



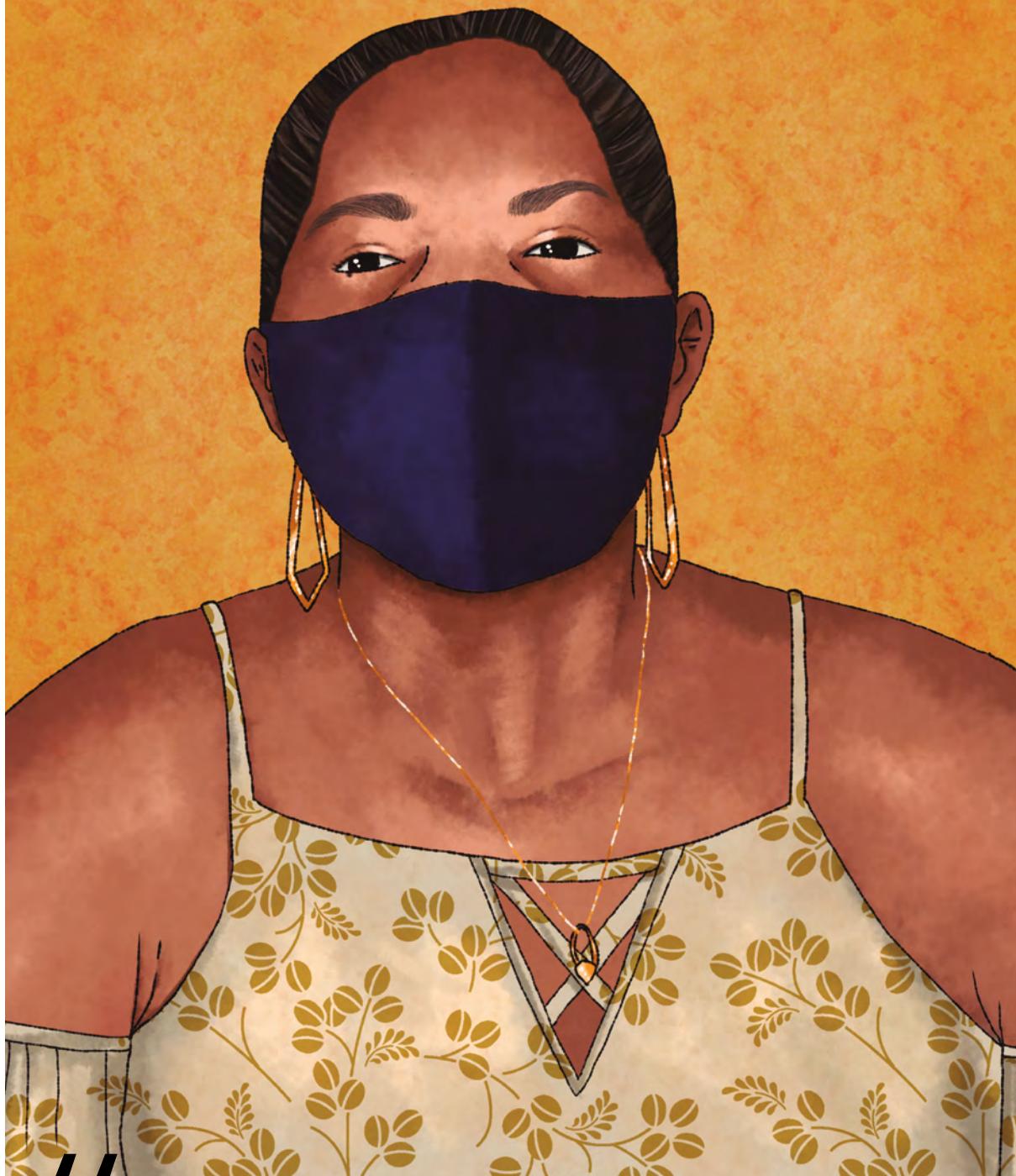
O primeiro momento foi desesperador para minha família. Estávamos estudando e, de repente, tivemos que parar e nos isolar para conter o início da pandemia que vinha se disseminando no mundo todo. Eu particularmente fiquei bastante preocupada. Até hoje fico, porque ainda não acabou, e muitas pessoas ainda não se tocaram que estamos lidando com uma pandemia muito séria e grave, que precisa da conscientização de todos para combater esse mal que vem ceifando a vida de muita gente.”

Darlene de Oliveira Santos, Quilombo Silêncio (Óbidos).



No momento que começou a pandemia, abalou a nossa família e todas da comunidade, principalmente minha mãe, que ficou horrorizada, com muito medo mesmo. Foi desesperador para ela. Na cabeça dela se ela pegasse a doença ia morrer, não tinha cura. No começo a gente não tinha uma orientação de um tratamento, na televisão mostravam mais as pessoas que morriam do que as que se recuperaram.”

Edivane Franco da Silva, Quilombo Arapucu (Óbidos).



“ Eu te digo que a primeira onda da Covid foi triste e a segunda está pior, a gente já perdeu família, já perdi parentes, já perdi meu tio, já perdi amigos, já perdi vizinho. Não está sendo fácil, a gente tem medo de chegar na porta do hospital. Para nós quilombolas, para nós mulheres do quilombo, acostumadas a viver de uma forma normal, e dentro de 52 anos de idade que eu tenho, vi várias ondas de doenças, como malária, cólera, mas nunca parou o mundo como agora com essa Covid. Então, eu estou muito triste.”

Elaine Salgado, Quilombo Boa Vista Cuminã (Oriximiná).

Mudou muita coisa na nossa rotina





Tivemos que mudar a rotina muito rápido, é muito ruim. Para mim a maior dificuldade é que perdemos a nossa liberdade, nós não podemos passear com nossos filhos, visitar as pessoas, principalmente as pessoas mais velhas, por causa do risco.”

Michele Salgado Oliveira, Quilombo Boa Vista Cuminã (Oriximiná).



“ Com a chegada do vírus, tudo mudou em nossas vidas. A gente não sabia como lidar com essa situação. No início foi assustador. Foi um ano de transformação porque tinha que se isolar, não estávamos acostumados a viver dessa forma.”

Glaucineide Souza Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).

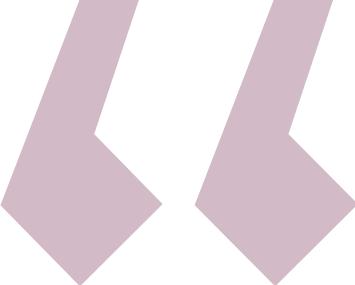
Eu hoje tenho 52 anos e nunca tinha vivido um momento tão triste como o que a gente está vivendo agora, como mulher, como quilombola. Sem condições de estar se locomovendo de maneira liberta para nossa cidade, na sede do município.”

Elaine Salgado, Quilombo Boa Vista Cuminã (Oriximiná).



“ Então, foi uma bomba para a comunidade. Agora os cuidados são redobrados para o bem de todos, e assim a gente tenta, na medida do possível, continuar as nossas rotinas. Só sai quando é obrigatório, quando não tem como não ir, a gente costuma sempre abastecer nossa dispensa uma vez por mês quando a gente viaja para ir ao supermercado e feira.”

Lucicleide Lopes, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).



Ficamos em casa. Mas, eu estou agoniada de ficar só aqui. Eu e meu marido gostamos de estar andando, indo nas reuniões. A gente não sai, os filhos saem bem pouco, ficamos o tempo todo aqui em casa. A gente fica em casa, trabalhando, ficamos preocupados. Nós fazemos roça — planta milho, planta macaxeira — para ir passando os dias. As crianças são uma alegria, eu fico com meus netos.”

Maria Rosa Garcia, Quilombo Tapagem (Oriximiná).

A gente tem evitado aglomerações, só vai em Oriximiná para fazer compra, a gente não sai do interior. Eu terminei o estudo já. Eu fico em casa, junto com meus pais, tenho uma filha de cinco anos. Eu ajudo a cuidar dos meus pais e da casa.”

Ânisse Garcia dos Santos, Comunidade Tapagem (Oriximiná).

A minha filha tem sete anos. Ela reclama muito porque antes a gente saía de final de semana e hoje em dia não pode sair e se sai não pode estar no meio das crianças. Ela sempre diz que odeia o coronavírus porque ele a proibiu de fazer muitas coisas. Todo tempo tem que estar falando que é dessa forma que a gente vai sobreviver até isso passar. Eu sempre falo que vai passar e que a gente tem que tomar os cuidados.”

Edivane Franco da Silva, Quilombo Arapucu (Óbidos).





Eu sinto falta da vida normal. Do que a gente considera normal: não ter a preocupação de chegar no lugar e ter que estar usando máscara. Voltar a reunir os amigos, a família. Voltar a frequentar a sala de aula, ouvir o professor frente a frente, fazer aulas em campo. E pegar ônibus sem medo de ser contaminada. Coisas simples, sabe, que a gente costumava fazer e não acontece mais e quando acontece é com muito receio, muito medo.”

Larisse Lopes Xavier, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).

Quando soubemos da Covid foi um choque enorme para nós. Nós começamos a ter o cuidado, manter distanciamento, usar máscara, álcool em gel, parar de circular nas áreas da comunidade, coisas que a gente costumava fazer.”

Michele Salgado Oliveira, Quilombo Boa Vista Cuminã (Oriximiná).



Não está sendo fácil, a questão do isolamento é uma das maiores dificuldades, pois as casas têm poucos compartimentos, tem casas com quatro ou seis pessoas em que não temos saneamento básico.”

Mira Santos de Souza, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).



“ Essa quarentena está muito difícil. As pessoas, principalmente a juventude, ficam muito agoniadas porque estavam acostumadas a ficar saindo. Mas também tem aqueles que, desde o início, levaram muito a sério e só fazem as viagens para a sede do município quando é muito necessário. Quanto mais a gente seguir o protocolo da saúde, melhor a gente vai sair da situação.”

Wanderly de Aquino Andrade, Quilombo Muratubinha (Óbidos).

Não poder segurar a mão das pessoas, não poder abraçar as pessoas, tocar, então para mim isso foi uma dificuldade. Mas uma lição que a pandemia trouxe foi a de as famílias viverem mais perto umas das outras, viver unidas. Porque esse período de pandemia, devido a gente não poder estar saindo, a gente se reuniu, ficou só num local, começou a se aproximar mais. Esse período trouxe a convivência em família.”

Dayana Silva, Último Quilombo (Oriximiná).

Para mim aumentou o trabalho em casa e com os filhos

Para mim aumentou o trabalho em casa e com os filhos. Trabalho de casa não é fácil, aí com uma situação dessa, redobram os cuidados, redobra o trabalho. Mudou bastante minha rotina. Mudou completamente, a preocupação redobrou em termos de limpeza. Qualquer coisinha é banho, é lavagem, não toca nisso. A gente aprendeu a conviver com esse trauma.”

Lucicleide Lopes, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).



“ A minha rotina mudou totalmente. Antes da pandemia, meus filhos tinham o horário de ir para a escola, aí eu tinha mais um descanso. Agora, eu tenho que me virar no trabalho e dar atenção para eles. Ficou muito complicada a situação porque eles ficam a maior parte do tempo em casa. Eu tenho que saber dividir o horário de trabalho, dar atenção para eles no estudo, ficou muito difícil mesmo.”

Neidiane de Sousa da Silva, Quilombo Peruana (Óbidos).



A rotina ficou um pouco complicada. Meus filhos não têm aula online, eles ficam fazendo as atividades e o professor envia qual é a atividade do dia. É um pouco complicado porque a gente também precisa dar atenção e, às vezes, a gente não consegue dar a atenção devida, às vezes a gente acaba se atrapalhando.”

Glenda Soares Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).

Com certeza estamos sobrecarregadas, principalmente porque a rotina escolar mudou. A gente não tinha o hábito de acompanhar o ensino dos nossos filhos todos os dias. Como ficou tudo para os pais ajudarem nas atividades remotas, se tornou muito difícil. O professor tem o modo de ensinar, de falar com as crianças, e para nós, como mães, é diferente. Nós tivemos que mudar e foi muito difícil na questão de assuntos que a gente não conhecia. Eu senti muita dificuldade porque eu tenho uma filha no segundo ano e outra do sétimo ano. Eu tinha que ajudar as duas ao mesmo tempo. A do sétimo ano tem que fazer pesquisa e tinha assunto que eu não conhecia, nunca tinha estudado. Aí eu tinha que correr atrás junto com ela, pesquisar, procurar o professor para pedir ajuda. Tive muita dificuldade porque aqui é difícil ter acesso à internet. Então, a gente tinha que recorrer aos livros, pesquisar e ligar para o professor e pedir ajuda. Mas a gente superou.”

Edivane Franco da Silva, Quilombo Arapucu (Óbidos).



Mudanças no Trabalho



A minha rotina tem sido assim: eu não vou diretamente à casa dos alunos, eu faço uma ou duas visitas e o resto do tempo eu fico em casa. Eu sou a única professora na escola. É difícil quando a gente trabalha e tem filho, com ou sem pandemia, a gente tem que conciliar a casa e o trabalho na escola da comunidade, mas deu para conciliar por conta de eu fazer as atividades em casa, só saio mais para entregar os kits de merenda e as atividades.”

Maielza dos Santos Souza, Quilombo Pancada (Oriximiná).



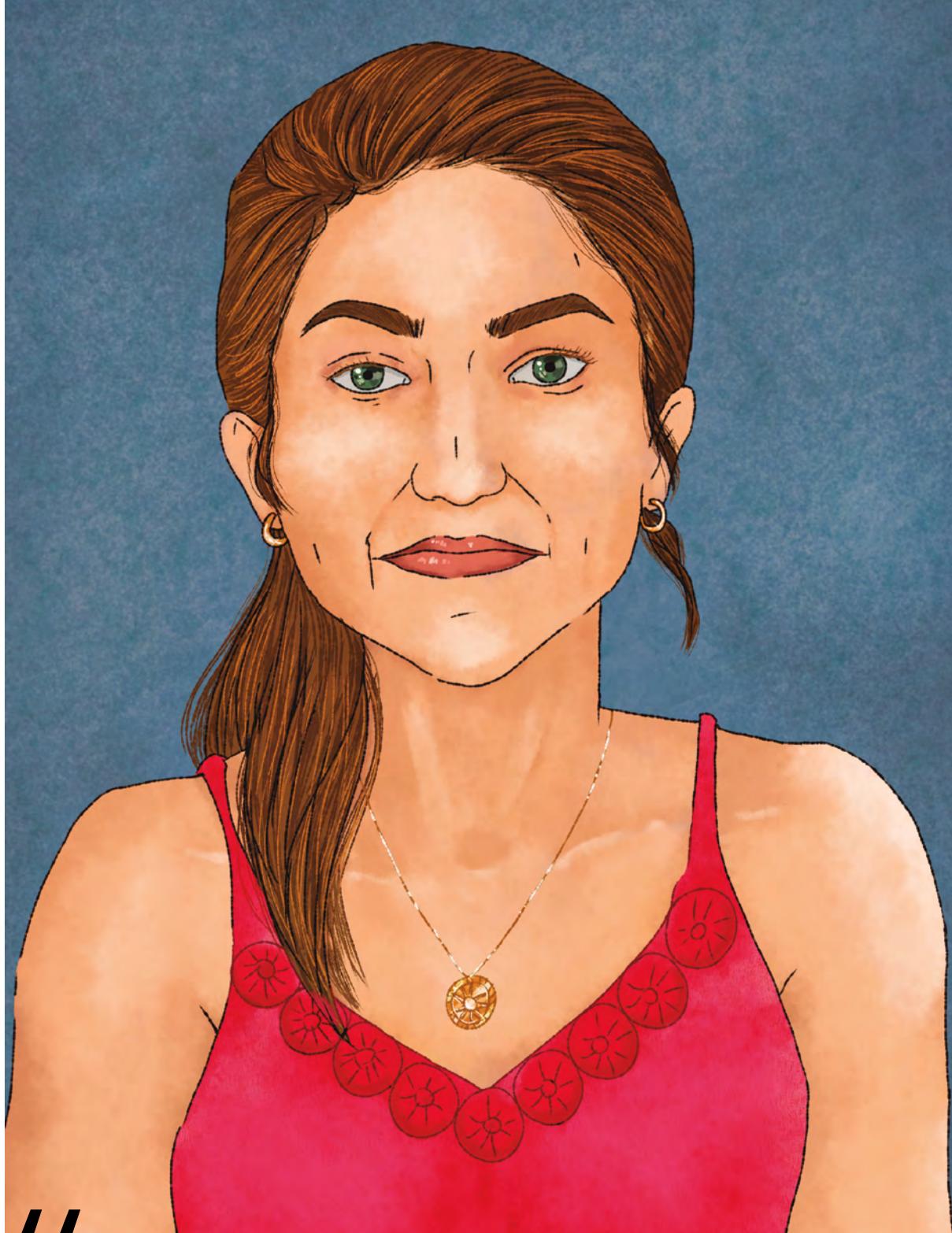
“ Quando iniciou a pandemia teve um impacto muito grande na minha vida porque meu filho era muito pequeno e eu era coordenadora pedagógica da escola que tem no meu quilombo. Mas o risco que a gente corre sendo linha de frente da educação, assim como tem da saúde, é muito grande.”

Glaucineide Souza Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).



Moramos em área endêmica de malária e na mesma época da Covid estava tendo surto de malária. É aí que a gente não sabia se era malária ou Covid. Como a pandemia pegou de surpresa, não fizemos treinamento e nem fomos preparados para enfrentamento dessa doença.”

Rivanilde Souza Pita, Quilombo Tapagem (Oriximiná).



Eu senti muito a mudança da minha rotina de trabalho. No meu psicológico eu senti muita pressão, meu psicológico ficou muito sobrecarregado. Eu estou falando isso porque a comunidade é grande, com mais ou menos 700 pessoas e eu sou a técnica de enfermagem que faz inúmeras funções, então isso me sobrecarregou muito psicologicamente.”

Katarina Soares Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).

Impactos na geração de renda





“ Eu trabalho em casa fazendo artesanato e beiju para vender. Não tenho trabalho fixo. Eu me viro! Para sobreviver hoje a gente tem que se virar! O meu esposo não está empregado, o meu filho também não está empregado. Para mim, vender não ficou difícil, as pessoas ainda compram, tanto aqui na comunidade onde eu moro, quanto em outras comunidades e em Oriximiná. Só que ficou difícil para a gente ir para a cidade comprar os materiais e vender. Além disso, o preço dos materiais subiu demais, aí eu não tenho renda fixa para comprar esses materiais, mas aos poucos eu vou comprando, vou fazendo, aí recebo o dinheiro, compro mais um pouco.”

Marta Angélica Salgado, Quilombo Pancada (Oriximiná).



“ Na nossa comunidade tem família muito humilde, e o ganho que eles têm é só do Bolsa Família. Mas, as coisas ficaram muito caras e a passagem para ir até a cidade custa cem reais. Então, é uma coisa muito preocupante. Essa foi uma das dificuldades que tivemos. As coisas não eram baratas e depois da pandemia os preços dispararam. O governo pagava o auxílio, mas não dava para quase nada porque tem famílias que têm três, quatro ou cinco até dez filhos, com um valor daquele para comprar alimento, roupa e calçado fica difícil.”

Joana Printes, Quilombo Abuí (Oriximiná).



“ A renda familiar de muitas pessoas foi afetada. A gente conseguiu acompanhar várias famílias, foram feitas muitas campanhas para arrecadar alimentos e comprar remédios. E o que veio ajudar muito nesse período foi o auxílio emergencial, isso foi uma ajuda muito grande para muitas famílias que estavam em situação bem difícil, com famílias que têm quatro, cinco crianças.”

Glenda Soares Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).

Em casa, minha mãe é aposentada, assim no início deu para suprir. Para conseguir um recurso a mais, começamos a fabricar as máscaras. Em um momento tão difícil, o trabalho das máscaras ajudou na renda de casa, como eu faço até hoje.”

Edivane Franco da Silva, Quilombo Arapucu (Óbidos).



“ Está bem difıcil a situação. Muitos que tinham direito de receber o auxılio emergencial não receberam, pois não têm acesso à internet e muitos não sabem fazer o cadastro. A necessidade aumentou, pois está tudo muito caro, os remédios, o gás, os alimentos básicos estão muito caros. As famılias estão trabalhando são praticamente para comprar alimentos. Os preços estão muito altos, as coisas básicas como arroz, feijo, ovos, e tudo muito alto.”

Mira Santos de Souza, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).

**Com a pandemia, as minhas
aulas pararam**





Com a pandemia, as minhas aulas pararam completamente e passou a existir uma outra rotina sem muita previsão de voltar a ser como antes. Não estou tendo nenhum tipo de aula porque a Ufopa parou completamente, não tem aula presencial, nem online.”

Larisse Lopes Xavier, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).

Durante o primeiro ano de pandemia, a universidade fechou e ficamos sem aula presencial ou remota. Eu fiquei do final de março até agosto de 2020 no quilombo, daí eu vim para a cidade. As aulas retornaram de forma remota no mês de fevereiro de 2021. Eu e meu marido estamos cursando a graduação na universidade.”

Elanize dos Santos Pinheiro, Quilombo Tapagem (Oriximiná).

Na comunidade, as crianças ficaram sem ter aulas, desde março. E, a partir de um certo mês, começaram as atividades remotas. As atividades são impressas e os pais vão até a escola buscar essas atividades para os seus filhos fazerem em casa. As crianças ficaram um pouco perdidas, não tem professor presente para tirar as dúvidas.”

Catarina Soares Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).



Eu estou fazendo faculdade de biologia. A minha rotina virou de ponta-cabeça, parei de estudar. Eu estava estagiando, parei os trabalhos que tinha. Minha rotina não voltou ao normal ainda, precisamos trabalhar, mas nem sei quando vou terminar minha faculdade.”

Auriele Viana Salgado, Comunidade Jauari (Oriximiná).



“ Quando chegou a notícia da pandemia, a gente paralisou as aulas, eu não tive mais contato direto com os alunos nas escolas. Paralisou e até hoje não voltou ainda. Nós fizemos as atividades impressas porque não tínhamos como fazer através das mídias. Eu dou aula do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental e eu faço a impressão das atividades em casa porque a escola não tem impressora. Para os meus alunos está sendo difícil porque o contato direto com a escola é essencial. E também tem a questão de que muitos pais não têm escolaridade suficiente para orientar seus filhos em alguma atividade. Se já é difícil para a criança na escola, imagina em casa sem ninguém para orientar? Então, a gente faz esse trabalho de ir à casa do aluno e orientar os pais e os alunos com as atividades que eles estão com dificuldades para eles conseguirem resolver e depois eles devolvem as atividades e fazemos a correção para que possa de alguma maneira suprir a perda desse convívio que eles teriam com a escola e também para ver se a gente consegue fechar o ano letivo.”

Maielza dos Santos Souza, Comunidade Pancada (Oriximiná).



Em relação aos estudos está sendo um pouco difícil porque na comunidade não tem acesso à internet. Não são todos os lugares que pega, então tem que se deslocar até a cidade. Então ficou mais difícil porque tudo é online. E fica mais difícil de entender a explicação porque a gente não tem acesso aos professores presencialmente.”

Gabriela da Silva Paiva, Quilombo Muratubinha (Óbidos).



“ Meus filhos estão fazendo as atividades da escola em casa. Estamos dando apoio para fazer as tarefas, quando tem dúvida a gente fala com a professora, e a professora fez um grupo para tirar as dúvidas.”

Michele Salgado Oliveira, Quilombo Boa Vista do Cuminã (Oriximiná).



“ Uma das coisas que me deixaram muito triste foi essa situação com os alunos. Nós não podemos estar junto dos alunos e nós sabemos da dificuldade que isso está sendo para as famílias e para as crianças também. Isso vai repercutir mais tarde na vida escolar deles. Só que nós não temos outra alternativa. É o melhor que tem a fazer no momento. As atividades são entregues de 15 em 15 dias. No dia que eles vão receber as atividades, eles já levam a anterior e a gente faz a troca. Os alunos às vezes ligam para saber determinado assunto, para que a gente possa explicar melhor. E os do quarto e quinto ano mandam sempre bilhetes e desenhos. Aí eles colocam a situação, que estão muito tristes, que eles querem voltar para a escola.”

Wanderly de Aquino Andrade, Quilombo Muratubinha (Óbidos).



Eu trabalho na escola Novo Israel, que fica em frente a Porto Trombetas. Pelo relato dos pais, foi um pouco difícil trabalhar com aula remota. A gente monta o caderno de acordo com o conteúdo do bimestre e entrega para esses alunos e dá um prazo de um mês para eles fazerem. E aí recebe os cadernos para fazer a correção e monta outro para entregar. Não foi fácil nem para gente, nem para eles. Não tem aquele acompanhamento presencial, será que é o aluno mesmo que está fazendo a atividade? E como está sendo a evolução dele, o aprendizado? A gente fica com muita dúvida. É bem complicado de avaliar o aluno porque a gente não está acompanhando de perto e sim através dos cadernos. O aprendizado vai ser bem complicado, quando a gente voltar para o presencial a gente vai ter que rever todas essas atividades que foram feitas remotamente.”

Joane Andrade dos Santos, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).

**As sequelas ficaram de alguma
forma na nossa vida**





“Várias pessoas da comunidade pegaram essa doença, eu peguei. A maioria da comunidade pegou e se curou por lá mesmo. Eu peguei e tive que vir para o hospital, mas graça a Deus me curei. Só que eu fiquei com sequelas. Canseira para subir uma ladeira. Ainda sinto dores nas costas, uma dor na cabeça. Qualquer coisa aperta minha garganta. O médico fala que são sequelas e com o tempo vão passar. Eu sinto muita falta de ar. Atrapalha muito a minha vida, até para falar me dá canseira e falta ar. Comecei agora um tratamento para sequela de Covid, estou em Oriximiná para fazer esse tratamento. É só a medicação que o SUS fornece, a fisioterapia a gente tem que pagar e eu não tenho condições de pagar.”

Nilza Nira Melo de Souza, Quilombo Jauari (Oriximiná).



Eu comecei a ter muita dor de cabeça, sentir muito frio. Tive febre só um dia. O meu estômago atacou muito, tudo que eu comia tinha vontade de vomitar. Dor em todo corpo, dor nos olhos, parecia que estava toda quebrada, aquele fastio dá na gente, eu perdi o cheiro, perdi o paladar. Tempos depois que eu fiquei boa, mas eu não sentia segurança para temperar a panela porque para mim estava tudo sem graça. Passei mais de dez dias sem cheiro e sem paladar, e com muita dor de cabeça e com frio. A experiência é terrível.”

Elaine Salgado, Quilombo Boa Vista do Cuminã (Oriximiná).

Sabemos que a maioria dos casos que ocorreram na comunidade foi das pessoas que trabalham na Mineração Rio do Norte e que têm contato com pessoas de fora. Eles se contaminaram no trabalho.”

Lucicleide Lopes, Comunidade Boa Vista (Oriximiná).

Os funcionários dos grupos de risco que trabalham em Porto Trombetas, a vila da Mineração Rio do Norte, foram afastados. Tem quilombolas que trabalham na cooperativa para a empresa. Em nenhum momento a mineração parou. O pico de contaminação aqui foi mais ou menos em junho e julho de 2020, muitos comunitários se contaminaram. O que a gente percebe é que a maioria foi contaminada por causa do trabalho em Porto Trombetas. A maioria das famílias, tanto o esposo quanto a esposa, trabalha em Porto Trombetas. Então, é muito difícil ter um controle. Nessa segunda onda, eu, minha filha e meu esposo contraímos o vírus, em janeiro de 2021. Meu esposo trabalha em Porto Trombetas, na mina, ele acabou contraindo o vírus lá, e eu e minha filha pegamos dele. Graças a Deus que o meu pequeno e a outra filha não contraíram.”

Joane Andrade dos Santos, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).





A minha mãe testou positivo em agosto de 2020 e até agora [abril de 2021] ela tem sequelas. Ela passou meio ruim, mas está se recuperando aos poucos. Ela sente uma dor de cabeça, uma dor no peito, uma dor nas costas, os médicos dizem que é normal.”

Edivane Franco da Silva, Quilombo Arapucu (Óbidos).

Quando começou a ter casos nos quilombos, eu peguei o vírus. Eu comecei a me sentir ruim e percebi que estava com a doença, mas eu não fui para o hospital, procurei me cuidar em casa, me manter longe dos meus filhos. Já em março, de 2021, eu saí daqui com meu pai e minha mãe para levar ao hospital e lá foram feitos os testes que deram que estavam com Covid. Meu pai foi para o oxigênio, minha mãe, não. A saturação dele estava baixa, mas graças a Deus eles estão bem, em casa.”

Joana Printes, Quilombo Abuí (Oriximiná).

Quando eu testeí positivo para a Covid, em agosto de 2020, eu me senti desesperada porque eu tenho um filho pequeno de dois anos e eu fiquei com medo tanto de transmitir para ele ou acontecer algo comigo. A gente acha que está preparada para enfrentar, mas quando acontece com a gente o nosso psicológico é atingido. A gente fica pensando será que vou viver? Quando eu contraí o vírus foi muito difícil porque em casa tive que ficar em um isolamento total, mas em casa só tem um banheiro, então a gente pensava: ‘eu vou transmitir para o meu irmão, para os filhos do meu irmão, para minha mãe’. Na minha família, cada um tinha um sintoma diferente, um sentia falta de ar, outro, dor no corpo, outro, dor de cabeça. Ninguém foi hospitalizado. Recentemente, tivemos uma recaída, fomos ao médico e ele falou que é ainda consequência da Covid-19. Minha mãe voltou a sentir falta de ar e eu também voltei a sentir dores no corpo e muita dor de cabeça. Como eu me senti muito mal, eu fui ao médico também e ele falou que eu fiquei com duas manchas no pulmão como sequela da Covid. Estou fazendo tratamento para isso. As sequelas ficaram de alguma forma na nossa vida, ainda vão atingir a gente por um tempo. A gente espera que isso passe.”

Glaucineide Souza Franco, Comunidade Arapucu (Óbidos).





Eu não fiz o teste, mas pelos sintomas, eu fiquei sem sentir o cheiro, fiquei sem paladar durante 11 dias, no mês de outubro de 2020. Me deu febre, atingiu meu rim, eu passei muito mal. Eu fiquei em casa, tomei os medicamentos e bastante remédio caseiro também. Passaram-se uns 15 dias e meu esposo caiu doente. Sorte que nesse período meus filhos não estavam em casa comigo, estavam na casa da minha mãe. Graças a Deus, e eles não pegaram.”

Neidiane de Sousa da Silva, Quilombo Peruana (Óbidos).

Nossa esperança é a vacina





Quando fiquei sabendo da vacina fiquei feliz, porque é uma das soluções. Eu creio que, a maioria sendo vacinada, vão minimizar os casos. Nossa esperança é a vacina, e com isso a diminuirão os casos. Nossa vontade é que todos tomem, mas sempre tem aqueles que se recusam, até porque tem muitas mensagens que ao invés de dar força para os nossos idosos tomarem a vacina, acabam distorcendo a história. Mas tomando ou não tem que continuar a prevenção, os procedimentos de não aglomerar, usar máscara sempre e álcool em gel até que se aparte de uma vez esse vírus.”

Lucicleide Lopes, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).

A notícia da vacina foi meio assustadora porque a gente recebeu vídeos que falavam que se a gente tomasse ia se manifestar outra doença. Mas a gente resolveu apurar a verdade e a gente viu que não, que era totalmente diferente. Então a gente apostou na vacina. A vacina já chegou nas comunidades do Erepecuru.”

Nilza Nira Melo de Souza, Quilombo Jauari (Oriximiná).

A chegada da vacina foi uma alegria muito grande para a nossa comunidade, praticamente todas as pessoas pretendem tomar. A maioria está muito alegre e esperando por esse momento. A vacina é uma esperança para o mundo inteiro.”

Wanderly de Aquino Andrade, Quilombo Muratubinha (Óbidos).

O que eu posso dizer é que está todo mundo assustado, querendo que isso acabe através da vacina, afinal a vacina agora é a nossa única esperança.”

Maielza dos Santos Souza, Quilombo Pancada (Oriximiná).



Quando a pandemia acabar





Quando isso passar tem muitas coisas que quero fazer, pisar na faculdade e ver meus amigos, retomar minha vida normal, dar valor à família. Agora a gente tira a conclusão de que estar perto de quem gosta é uma das melhores coisas.”

Auriele Viana Salgado, Quilombo Jauari (Oriximiná).



Vou ficar muito alegre porque vai acabar a preocupação do filho sair e o neto sair. O marido gosta de andar e está preso aqui. A gente vai ter liberdade de ir à cidade, de saber que já acabou e que não tem mais perigo.”

Maria Rosa Garcia, Quilombo Tapagem (Oriximiná).

Quando terminar a pandemia quero voltar aos estudos. Quero estudar geografia.”

Ânisse Garcia dos Santos, Quilombo Tapagem (Oriximiná).

Eu sou muito acostumada a fazer trabalhos na igreja e a fazer vendas. Quando tudo isso passar, eu quero voltar a esses trabalhos da igreja, fazer os movimentos para angariar recursos. Com certeza, vai ser uma das minhas prioridades.”

Edivane Franco da Silva, Quilombo Arapucu (Óbidos).



A primeira coisa que eu quero fazer quando isso passar é voltar à minha rotina de andar nas igrejas, nos movimentos, agradecendo a Deus pelos livramentos. Eu creio que, apesar dessa situação toda, vieram pontos positivos. A família, a gente só valoriza quando perde. A gente está com saúde e a gente não dá importância para estar próximo da nossa família, visitar nossos parentes. Eu quero levar isso para minha vida toda, esse aconchego da minha família.”

Lucicleide Lopes, Quilombo Boa Vista (Oriximiná).



Uma das coisas que mais eu estou com vontade de fazer e não estou podendo: receber ou visitar minha família que está longe, meus irmãos. Tem um irmão que vai fazer um ano que não vejo, mora no município vizinho. Assim o que mais eu desejo fazer é poder abraçar meus irmãos, parte da família que não vejo tem muito tempo. E também voltar a nossa vida normal como antes, é um desejo muito grande, poder visitar o vizinho, se abraçar.”

Catarina Soares Franco, Quilombo Arapucu (Óbidos).



“ Quando isso passar, eu quero fazer todas as coisas boas que a gente tinha costume de fazer, as nossas festividades tradicionais, nossas reuniões e encontros que eram maravilhosos. A nossa reunião com a associação de mulheres. E tem tanta coisa boa para a gente fazer que dentro desse ano a gente nunca mais fez. Se aglomerar, abraçar o amigo, poder respirar um ar diferente, como a gente estava acostumado, que esse vírus tirou a nossa paz.”

Elaine Salgado, Quilombo Boa Vista do Cuminã (Oriximiná).

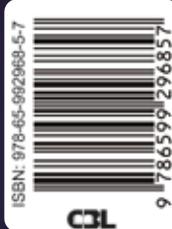


Quando terminar a pandemia, eu quero ir às festas porque nós no quilombo temos muito costume de ir nas festas da padroeira das comunidades mas não está tendo festa por causa da pandemia. Então a primeira festa eu estou dentro!”

Dayana Silva, Último Quilombo (Oriximiná).

Quando tudo isso passar eu quero fazer uma festa com todos os quilombolas, para a gente brincar, dançar e gritar: nós vencemos! Quero voltar ao trabalho de antes, voltar às reuniões, voltar aos encontros. Os nossos problemas só estão aumentando porque a gente nunca mais se reuniu, quero encontrar todos os quilombos e também vocês da Comissão Pró-Índio, eu sinto falta.”

Nilza Nira Melo de Souza, Quilombo Jauari (Oriximiná).



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

